



ODRINHAS (SINTRA)

**MUSEU ARQUEOLÓGICO, RECINTO MEGALÍTICO DA BARREIRA,
ALDEIA ABANDONADA DE BROAS, ALDEIAS E PAISAGENS
SALOIAS EM TRANSFORMAÇÃO / RENATURALIZAÇÃO**

Sábado, 29 de março



Encontro: 9h30 no estacionamento à direita da estrada de Odrinhas para Barreira e Funchal, diante do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas (coordenadas 38º 53' 11,33" N e 9º 21' 56,43" W)

Percurso circular de 14km, com início às 10h00 com uma visita guiada ao **Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas** e passagem pelo **Recinto Megalítico da Barreira**, pelas pequenas aldeias saloias de **Barreira** e do **Funchal**, moinhos da **Serra do Lima**, aldeia de **Almorquim**, aldeia abandonada de **Broas**, vale da **Ribeira de Cabrela**, aldeias saloias de **Cabrela** e **Silva** e moinhos do **Faião**.

Neste percurso, no geral por **velhos caminhos rurais e alguns troços de estradão** e de arruamentos asfaltados, além das visitas de interesse arqueológico ao Museu de Odrinhas e ao Recinto Megalítico da Barreira e às ruínas da aldeia abandonada de Broas, desfrutaremos das **belas paisagens dos antigos campos de cultivo da região**, hoje quase totalmente abandonados, com os velhos muros de divisão das propriedades ou de suporte de terras, em pedra de calcário, revestidos de musgos e de fetos, em que a natureza vai lentamente ocupando o seu espaço com uma intensa regeneração de carrascos, carvalhos, freixos e de outras espécies mediterrânicas. Destaca-se o belíssimo **vale da Ribeira de Cabrela** com a sua galeria ripícola e a velha ponte, dita romana, de Cabrela com a antiga calçada de pedra que sobe a **Montelavar**. Tal como os campos, também os pequenos lugares que iremos atravessar estão em transformação com alguns exemplares de construções tradicionais saloias e novas moradias com interessantes soluções arquitectónicas de recuperação.

Percurso relativamente fácil, apenas com uma pequena subida na aldeia de Almorquim e uma ligeira subida da ponte até à aldeia de Cabrela e aos moinhos do Faião, que se recomenda vivamente pelo seu **interesse cultural e paisagístico** e por permitir conhecer um pouco da riqueza da **paisagem saloia a norte da Serra de Sintra**.

Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas

O Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas está alicerçado no Renascimento, quando alguém, muito provavelmente o ilustre humanista D. Diogo de Sousa que, entre 1490 e 1497, desempenhou o priorado da freguesia de São Miguel de Sintra, decidiu expor na **antiga Ermida de São Miguel de Odrinhas** um apreciável conjunto de monumentos epigráficos romanos de origem local.

Em 1955, a Câmara Municipal de Sintra, por iniciativa do Professor Joaquim Fontes, arqueólogo e autarca, desenvolveu uma experiência inovadora para o seu tempo: a construção, em plena zona rural, de um pequeno núcleo museológico que permitisse voltar a reunir, em Odrinhas, as antiguidades entretanto dispersas, além de outras mais recentes. Tendo sido inaugurado com pompa e circunstância por uma das principais figuras do regime de então, o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, o núcleo museológico esteve aberto ao público durante 38 anos. Porém, devido ao risco de desabamento do edifício, acabou por ser encerrado em 1993, ano em que se inicia a construção do novo museu que abriu as portas ao público em 1999.

Este edifício de grande amplitude (cerca de 3200m² de área coberta), projetado pelos arquitetos Alberto Castro Nunes e António Maria Braga, com consultoria de Léon Krier e programa museológico de José Cardim Ribeiro, guarda as mais antigas memórias das freguesias do concelho de Sintra.

Integram a exposição permanente os **três sarcófagos etruscos** adquiridos no Séc. XIX, em Itália, pelo 1º Visconde de Monserrate, os únicos existentes em Portugal, **monumentos romanos, lintéis visigóticos, túmulos medievais e outras lápides epigrafadas** que perfazem, no seu todo, aquilo que no Museu se designa como “O Livro de Pedra” por estes textos gravados em materiais que desafiam o tempo, serem como que páginas arrancadas do enorme livro de pedra da História.

A exposição está organizada cronologicamente, tendo como ponto de partida a Antiguidade Clássica. De destacar, pela sua relevância no contexto museológico nacional, e mesmo internacional, as centenas de inscrições e monumentos lapidares romanos aqui reunidos, todos de origem regional, que espelham, no entanto, influências estilísticas e populações de filiação itálica, norte africana, mediterrânica oriental e paleohispânica, entre outras menos frequentes.

Merecem igualmente destaque, os vigorosos lintéis de uma singular igreja visigótica ou moçarábica, bem como as largas dezenas de cabeceiras medievais que justapõem a cruz ao sino-saimão e as rodas concêntricas do Mundo aos dois triângulos do hexalfa.

As **ruínas de São Miguel de Odrinhas** e, até certo ponto, a própria ermida, de origem medieval que continua aberta ao culto, funcionam como extensões ao ar livre do próprio Museu, o qual foi construído em estreita articulação com esta estação arqueológica. Aqui conservam-se os vestígios de uma *villa* romana, habitada entre o séc. I a.C. e o IV d.C., e uma necrópole cristã utilizada, sobretudo, entre os séculos XII a XV.

Recinto Megalítico da Barreira

No cabeço do “Castelo das Pedras”, sobranceiro à Villa Romana de Odrinhas, bem destacado na paisagem e dominando toda a área envolvente, implanta-se o conjunto de menires/recinto megalítico da Barreira identificado em 1961 por Eduardo Prescott Vicente e Estevão Miguéis de Andrade, classificado como Imóvel de Interesse público em 1993.

Mais de duas dezenas de menires e outros monólitos, distribuídos irregularmente, coroam a colina. O seu aspecto pouco homogéneo deve-se à variabilidade das formas (prismáticas e cilíndricas), dos topos (planos ou arredondados) e das dimensões. Têm até cerca de 4m de altura sendo possível identificar vários grupos de pequenas pedras dispostas em reduzidas áreas circulares. Do conjunto salientam-se dois exemplares, um deles insculturado na face a SW. Os materiais recolhidos no local são atribuíveis ao Neolítico final e à Idade do Cobre.

O monumento encontra-se, hoje, muito tapado pela vegetação e ligeiramente amputado, pois três megálitos foram removidos e colocados num jardim particular em Odrinhas.

Aldeias de Barreira e Funchal

Dois pequenos lugares vizinhos onde o tempo parece ter parado, incólume ao crescimento urbano da região de Sintra com elementos de arquitetura tradicional saloia e algumas velhas

edificações recuperadas. Aqui reina a paz de espírito e o ar puro do campo, por entre terrenos ancestralmente cultivados.

Serra do Lima

Pequeno planalto que se estreita para nordeste com vertentes bastante escarpadas sobre o vale do **Rio Lizandro**. Dos moinhos que o coroam desfruta-se uma bela e vasta panorâmica sobre o vale do Lizandro com a **aldeia de Carvalhal**, em baixo, as freguesias de **Igreja Nova** e de **Cheleiros** e o **Convento de Mafra**. Dos moinhos descemos à pequena aldeia de **Almorquim** por cujas ruelas subimos ao novo caminho para **Broas**.

Aldeia abandonada de Broas

A **aldeia de Broas, situada na Freguesia de Cheleiros** (Mafra), na extrema com a Freguesia de Terrugem (Sintra), foi construída numa pequena plataforma sobre a confluência da Ribeira de Cabrela e o Rio Lizandro, virada a Cheleiros. A topografia do terreno em que se insere apresenta várias elevações cónicas, ou broas, daí o seu nome.

Está abandonada há mais de 40 anos, nunca tendo, desde então, sido alvo de quaisquer obras ou intervenções, pelo que constitui um caso, quase único em Portugal, de uma antiga aldeia com a sua **arquitectura totalmente conservada**.

É composta por cerca de 9 habitações, 4 lagares e vários armazéns e currais. No povoado existem, também, um pombal, várias eiras e os arruinados muros de pedra de delimitação dos antigos campos de cultivo. Não existiam quaisquer edifícios religiosos, administrativos ou comerciais.

As habitações, geralmente de dois pisos, totalmente construídas em pedra de calcário do local, são compostas por casa de fora, quartos e cozinha com um forno. No centro da aldeia destaca-se o velho freixo rodeado de bancos de pedra onde a população se reunia ou convivia.

O primeiro registo histórico que se conhece de Broas pertence ao censo populacional de 1527 onde vem referida como Aldea das Boroas no termo da Vila de Chilheiros. Em 1805 já estava integrada na, então, Freguesia de Cheleiros, Concelho de Mafra. A casa mais recente data de 1888 conforme consta na gravação de um óculo de pedra.

Em 1950 viviam em Broas cerca de 25 moradores (6 a 7 famílias) que se dedicavam à pastorícia e a uma agricultura de sobrevivência, dependendo dos bens e serviços que teriam que ir adquirir a Cheleiros. **Desde então a população foi decrescendo sendo a sua última habitante a Ti Jaquina.**

Nos últimos anos foi mencionada em vários artigos da imprensa local e objecto de estudo de vários investigadores. Vem referida como imóvel não classificado de interesse patrimonial na revisão do PDM de Mafra.

Atualmente, a aldeia está totalmente arruinada com a vegetação a invadir o interior destelhado das suas construções e as paredes e muros a desabarem. Têm ocorrido actos de vandalismo como o roubo de cantarias ou incêndios provocados no interior das casas.

A localização de Broas, num local de acesso difícil entre os concelhos de Mafra e de Sintra levou a que ali nunca tenha chegado uma estrada nem outras infraestruturas que melhorassem o conforto da sua população. **Muitos dos seus habitantes acabaram por se fixar em aldeias vizinhas como Almorquim, Faião, Cabrela e Cheleiros. Outros partiram para Lisboa e alguns emigraram, mais tarde, para França.**

Vale da Ribeira de Cabrela

De Broas descemos a antiga calçada, totalmente erosionada, que seguia para Cheleiros, até próximo da foz da **Ribeira de Cabrela**. Seguimos, depois, cerca de 3km para montante, num **bonito caminho de terra ao longo da margem esquerda (W) da ribeira**, que corre com bastante caudal no meio de uma densa e frondosa galeria ripícola até chegarmos à **velha ponte**, que alguns dizem ser romana, com quatro fortes pilares de alvenaria de pedra que suportam enormes lajes de calcário que devem pesar toneladas. Da ponte sobe uma **velha calçada** empedrada em direção a **Montelavar**. Ao longo deste caminho, além da riqueza da flora e da avifauna impressionam os inúmeros vestígios da antiga ocupação agrícola como velhos muros e restos de **azenhas e respectivas levadas**, arruinados e cobertos de musgos e fetos, e o ambiente idílico que sugere estarmos muito distante da Área Metropolitana de Lisboa.

Da ponte subimos por um estradão rural até à aldeia de **Cabrela** onde passamos junto ao **Café Ponto de Encontro**, o único existente ao longo de todo o percurso. Depois atravessamos o pequeno lugar de **Silva**, também com alguns exemplos de arquitectura tradicional saloia.

Moinhos do Faião

Em **Silva** tomamos um bonito caminho rural, à direita, com boas vistas sobre o **Vale da Ribeira de Cabrela** e para **Montelavar**, por onde subiremos até aos **moinhos do Faião**, o ponto mais alto do percurso (206m). Destes moinhos avista-se uma bela panorâmica, para todos os quadrantes, com a **Serra de Sintra** a sul e, sobretudo, para norte e nascente, até Mafra, Cheleiros, Montelavar e os montes que separam os concelhos de Sintra e de Loures.

Dos moinhos de Faião, são cerca de 2km de estradão rural, em terreno plano, até regressarmos às viaturas em São Miguel de Odrinhas, pelas 18h00.

Recomendações

Trazer farnel para piquenique que, se estiver bom tempo, poderá ser nos **Moinhos da Serra do Lima** e 1 a 1,5 l de água, pois não há possibilidade de reabastecimento ao longo de quase todo o percurso

O único café onde iremos passar é o Ponto de Encontro, em Cabrela, já na parte final do percurso. **Não há cafés junto ao Museu de Odrinhas** pelo que deverão aproveitar os que estão

junto à estrada de Sintra para a Ericeira, nomeadamente em Terrugem. O Museu de Odrinhas tem WC.

Trazer calçado impermeável e antiderrapante porque, se chover, os caminhos barrentos ficam escorregadios e poderão estar alagados, sobretudo no fundo do vale da Ribeira de Cabrela.

Venham prevenidos com **agasalho para a chuva e o vento**, se estiver mau tempo, e **chapéu** para um dia de sol, pois na maior parte do percurso não há sombra.

A visita ao Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas é gratuita.

Todo o percurso está incluído na folha 402 (Mafra) da Carta Militar.

A inscrição (12€) inclui o seguro.

Ponto de encontro: Às 9h30 no estacionamento à direita da estrada de Odrinhas para Barreira e Funchal, diante do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas (coordenadas 38º 53' 11,33" N e 9º 21' 56,43" W)